

Recensões

Dorothee Sölle — EL REPRESENTANTE — Hacia una teología después de la “muerte de Dios” — Cuadernos de Contestación Polémica — Editorial La Aurora, Buenos Aires 1972. Traduzido do original alemão “STELLVERTRETUNG” — Ein Kapitel Theologie nach dem “Tode Gottes” (1965) por Antonio Carbone.

Para nosso contexto teológico latino-americano, tão carente de uma articulação própria da cristologia, reveste-se de grande significado o lançamento da obra dessa combativa e controvertida teóloga alemã. O seu valor, ao contrário do que anuncia o subtítulo, não reside na contribuição, um tanto contraditória, para o debate teológico em torno ou depois da “morte de Deus”, mas sim em seu ataque à passividade teísta dos cristãos no mundo, bem como em algumas contribuições lúcidas e inteligentes ao formular de maneira atual certas verdades teológicas, mais especificamente, alguns conceitos cristológicos. Altamente questionável, no entanto, é se Dorothee Sölle consegue realmente alcançar seu objetivo e dar uma resposta atual e concreta aos anseios do homem por realização e identidade dentro de um mundo marcado pelo secularismo o ateísmo prático, o positivismo tecnológico, o relativismo ideológico, as atrocidades da guerra e a crescente interdependência humana, contudo uma resposta que ainda mereça o designativo “teológica” ou “cristã”. Sölle permanece no apelo simplesmente teórico por uma “praxis” cristã mais engajada, caracterizando-se, assim, como mais “européia” do que outros teólogos daquele continente que já sabem valorizar vivências mais concretas como as de Camilo Torres e Martin Luther King e que, por outro lado, sabem definir melhor também o fundamento do agir do cristão no mundo. A im-

portância dessa obra, portanto, está antes na provocação, no desafio, do que na contribuição positiva para a teologia, com o que se enquadra perfeitamente nos propósitos dos “Cuadernos de Contestación Polémica”.

A tradução parece-nos ser demasiado livre, carecendo, em alguns pontos, da necessária exatidão. Não será incômoda ao leitor a atualização para o contexto latino-americano conseguida com a introdução esporádica de termos como, p. ex., “Tierra Nueva”. Maior cautela, no entanto, requer o emprego do binômio “Jesus Cristo” (p. 8), que não aparece no original, ao que parece, por não se compatibilizar com as premissas ideológicas de Sölle. Por vezes a liberdade de tradução foi tão grande que não se podem mais compreender algumas críticas dirigidas às intenções e afirmações de Sölle pelos que com ela travaram diálogo no idioma alemão (Gollwitzer, Reidinger, Zahrnt).

A primeira parte do livro ocupa-se com uma análise sociológica e antropológica do fenômeno da vicariedade (representação). Mérito de Sölle é realçar a diferença fundamental entre representação e substituição (troca), formulada na tese central de que o ser humano é insubstituível, mas vicariamente representável. Contudo a dialética pela qual ela pretende chegar a essa síntese (após discutir com o Positivismo e o Idealismo alemão) não é todo convincente, pois se orienta também num valor pré-

concebido do homem (razão pela qual sua análise da realidade antropológica é, quando não tendenciosa, pelo menos incompleta). Poderíamos, pois, reformular a tese numa maneira que espelha o seu latente parentesco com o Idealismo: O ser humano é insubstituível e por isso apenas representável.

Partir da análise fenomenológica em direção do esboço teológico significa uma opção prévia metodológica. Em outros escritos Sölle se opõe categoricamente a uma colocação de verdades absolutas "de cima para baixo", sem correspondência empírica. Nisso alguns setores da teologia latino-americana gostarão, talvez, de imitá-la. Mas a incoerência transparece quando ela própria precisa de fazer declarações que não pode comprovar empiricamente, p. ex., que a experiência de Cristo nos leva à identidade conosco mesmos. Pretende, então, que "meditemos" sobre a afirmação (p. 9, que traduz com "examinar la afirmación en cuanto tal y como contenido de nuestras conciencias"!?). Como se não poderia ter sido essa a intenção também de outros teólogos, desqualificados por Sölle de "positivistas"!

Na segunda parte, que produz uma análise crítica dos conceitos de vicariedade na história da teologia, a autora revela um conhecimento muito precário da doutrina da reconciliação exclusiva em Anselmo de Cantuária e Karl Barth (Por que não aborda também Lutero?). É deplorável e flagrantemente unilateral a sua "exegese" do termo "hypér hemón" no Novo Testamento. Sölle decide-se a favor da reconciliação inclusiva, na qual o representado participa ativamente, tal como a defenderam Schleiermacher e Ritschl.

A terceira parte constitui o capítulo de teologia "pós-teísta" propriamente dito. Apoiada nas premissas elaboradas até ali, Sölle aponta para a função vicária de Cristo, nosso precursor, o verdadeiro mestre (um conceito do Iluminismo!), que não substitui o nosso agir, que se identifica conosco e se torna dependente de nós e de Deus, que nos representa pro-

visorialmente a nós perante Deus, e a Deus, temporariamente "morto", perante nós. Como "ator" de Deus, Cristo desempenha o papel da impotência de Deus no mundo (um termo de Bonhoeffer) e no-lo proclama, de modo que podemos tentar "crer ateisticamente em Deus." O final do livro contrapõe a essa "teologia da cruz" uma "antropologia da glória": Deus está impotente, mas nós cristãos não podemos falhar, façamos algo por Deus! Mas, perguntamos, não é novamente desumano de Sölle, exigir tanto de nós, seres humanos?

Ao leitor atento as afirmações de Sölle parecerão certamente contraditórias e confusas. Ela zomba do nosso direito por clareza e definição, por exemplo, acerca do que entende pelo freqüente vocábulo "Deus". Não é o Deus bíblico. Um exame mais profundo evidencia que o vocábulo apenas ocupa o lugar de um princípio dialético imanente, uma cifra impessoal, que depende de nós e do desenvolvimento que damos ao processo histórico, para alcançar a sua identidade plena. Isso é hegelianismo puro, acrescido de uma ênfase maior na abertura para o futuro (Bloch), e que, aliás, pode encontrar solo fértil na América Latina. Todavia estamos cômicos de que, então, não falaremos mais de um Deus pessoal, o Senhor, doador da liberdade, promitente de um novo futuro, o qual quer ser, ele pessoalmente, o conteúdo da nossa esperança?

Não resolveremos a questão rejeitando simplesmente o escrito de Sölle e repetindo monotonamente fórmulas bíblicas. Mas precisamos de criticar Sölle onde ela opera com falsas alternativas; onde simplifica a realidade e faz pressuposições infundadas; onde ela emprega ecleticamente resultados da pesquisa teológica para fins não genuinamente teológicos mas ideológicos (não obstante declare o contrário); onde ela faz da dificuldade do homem moderno para compreender a fé cristã, uma virtude (ainda mais que essa dificuldade não é tão moderna assim). Nossa resposta terá que ser um nem — nem: Não podemos aceitar nem um teísmo despótico e ao

mesmo tempo distante do mundo, nem um ateísmo imanentista e obcecado, uma contemporaneidade absolutizada; nem uma teologia dualista que esquece a necessidade de transformar o mundo, nem uma historicidade especulativa hegeliana; nem uma atitude passiva do cristão, nem um ativismo legalista porque mal fundamentado; nem uma salvação que degrada nossa

dignidade, nem um sinergismo que nos diviniza; nem um Deus morto ou um Cristo dependente de nossa ajuda, nem um Cristo que ressurge dentro de nossas consciências ou uma plenitude no final dos tempos que nos desumaniza porque não proporciona uma relação pessoal com o doador de todas as coisas.

Werner Fuchs

Hoje em dia livros envelhecem com, uma rapidez quase igual a outros objetos. Esse reconhecimento conduziu em tempos mais recentes à consequência de que alguns estudiosos, como, p. ex., o grande pesquisador veterotestamentário A. Alt, em toda sua vida não publicaram nenhum "livro" propriamente dito, mas resumiram os resultados de seus estudos em "pequenos escritos". Exclui-se dessa tendência geral o "compêndio de hebraico" de Hollenberg-Budde, do qual se publicou há pouco uma edição brasileira:

Hollenberg-Budde, Gramática Elementar da Língua Hebraica. Tradução de Nelson Kirst. Editora Sinodal
1972. 93000 São Leopoldo/RS, c. p. 14.

Desde muitas décadas a obra figura entre as obras-padrão para o ensino do hebraico, tendo já comemorado o seu "centenário". A presente edição brasileira é uma tradução da 24.^a edição dessa gramática escolar de eficácia consolidada, cuja última edição foi efetuada por W. Baumgartner em Bfasiléla, na Suíça.

O Hollenberg evidentemente nada tem a ver com a paródia "Höllenzweg" — "anãozinho do inferno" — que a gíria estudantil alemã gosta de lhe atribuir. A edição brasileira suplantou nitidamente o aspecto do original, de fato um pouco nanico. Temos em mãos um livro convidativo, tanto do ponto de vista da apresentação como da confecção tipográfica (fotolitográfica), e que, não obstante seu volume (461 pp.) permaneceu sendo facilmente manuseável, demonstrando um alto grau de resistência também quando intensivamente usado durante as aulas.

Quase não ocorrem erros de impressão que realmente deturpam o sentido, e também o número dos erros menores, em geral de ordem técnica — que estão sendo coletados pelo tradutor — conserva-se limitado, considerando-se as grandes possibilidades de erros que se apresentam com essa técnica.

A tradução orienta-se sempre de acordo com o princípio correto de ser "tão literal quanto possível, tão livre quanto necessário". Por vezes se esperaria maior independência, a saber, quando o original imita e explica particularidades lingüísticas do hebraico com particularidades da língua alemã. Contudo a impressão geral do livro de maneira alguma é determinada por esses casos, nem a compreensão é por eles comprometida.

A gramática de Hollenberg insere-se entre aquelas obras didáticas que — numa caracterização rudimentar — antepõem o aprendizado do sistema gramatical ao contato